

RELATÓRIO PIB AGRO Minas Gerais

AGRIBUSINESS GDP – OUTLOOK

O Relatório PIB Agro – Minas Gerais é uma publicação trimestral realizada pelo Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (CEPEA), da ESALQ/USP, com o apoio financeiro da Federação da Agricultura e Pecuária do Estado de Minas Gerais (Faemg) e do Serviço Nacional de Aprendizagem Rural – Administração Regional de Minas Gerais (Senar-AR/MG) e também com os apoios operacional e técnico da Secretaria da Agricultura, Pecuária e Abastecimento de Minas Gerais (Seapa).

O cálculo do PIB do agronegócio é feito pela ótica do valor adicionado, a preços de mercado, computando-se os impostos indiretos líquidos e subsídios. A quantificação dessa medida reflete a evolução do setor em termos de *renda real*, a qual se destina à remuneração dos fatores de produção: trabalho (salários e equivalentes), capital físico (juros e depreciação), terra (aluguel e juros) e lucros. Considera-se, portanto, no cômputo do PIB do agronegócio tanto o crescimento do volume produzido como dos preços, já descontada a inflação.

O agronegócio é entendido como a soma de quatro segmentos: (a) insumos para a agropecuária, (b) produção agropecuária primária ou “dentro da porteira”, (c) agroindústria (processamento) e (d) serviços. A análise desse conjunto de segmentos é feita para o ramo agrícola (vegetal) e para o pecuário (animal). Ao serem somados, com as devidas ponderações, obtém-se a análise do agronegócio.

É importante destacar que este relatório considera os dados disponíveis – preços observados e estimativas anuais de produção – até o seu fechamento. Em edições futuras, ao serem agregadas informações mais atualizadas, pode, portanto, haver alteração dos resultados de meses e também de anos passados. Recomenda-se o uso do relatório mais recente.

Os cálculos sobre a variação do volume partem das mais recentes projeções de safra para o ano em curso. Essas quantidades são confrontadas com as projeções de volume correspondentes do ano anterior. A variação obtida entre os dois anos é, então, usada para o cálculo da taxa mensal de variação do volume, bem como da taxa acumulada a partir de janeiro do ano em curso. No final do ano, a taxa acumulada por esse procedimento coincidirá com a taxa de variação do volume (confirmado e não mais projetado) entre o ano corrente e o anterior. Quanto aos preços, a comparação é feita entre a média real do período (número de meses) transcorrido no ano corrente e a média real do mesmo período do ano anterior. Essa variação anual é, então, usada para o cálculo da taxa mensal e da taxa acumulada desde janeiro do ano em curso.

O acompanhamento detalhado do agronegócio mineiro abrange os principais produtos na composição no PIB do setor para o estado. Os produtos e cadeias produtivas menos relevantes em termos de participação sobre o total não são acompanhados mensalmente pelas expectativas de produção e variação de preço, mas constam no cômputo total de modo agregado.

Equipe Responsável

Geraldo Sant’Ana de Camargo Barros, Ph.D

Pesquisador Chefe/ Coordenador Científico do Cepea/Professor titular ESALQ/USP

Adriana Ferreira Silva, Dra., Arlei Luiz Fachinello, Dr., Leandro Gilio, Me., Nicole Rennó Castro, Me., Gustavo Ferrarezi

Giachini, Me., Pesquisadores do CEPEA

Ana Carolina de Paula Morais, colaboradora do CEPEA.



APRESENTAÇÃO

O Produto Interno Bruto (PIB) do agronegócio mineiro, estimado pelo Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea), da Esalq/USP, com o apoio financeiro da Federação da Agricultura e Pecuária do Estado de Minas Gerais (Faemg) e do Serviço Nacional de Aprendizagem Rural – Administração Regional de Minas Gerais (Senar-AR/MG) e também com os apoios operacional e técnico da Secretaria da Agricultura, Pecuária e Abastecimento de Minas Gerais (Seapa) acumulou baixa de 0,85% no primeiro trimestre do ano, com queda de 0,27% em março (Figura 1, Figura 2 e Tabela 1).

No mês, houve alta apenas no segmento de insumos (1,42%). No segmento primário, em março verificou-se relativa estabilidade, com leve declínio de 0,02%. Já para os demais segmentos, avaliaram-se baixas de 0,87% para indústria e 0,39% para serviços – Figura 1 e Tabela 1. No acumulado, os dados de janeiro a março indicam baixas de 1,88% na indústria, 1,02% em serviços e 0,45% no primário; mas alta de 2,04% em insumos - Figura 2 e Tabela 2.

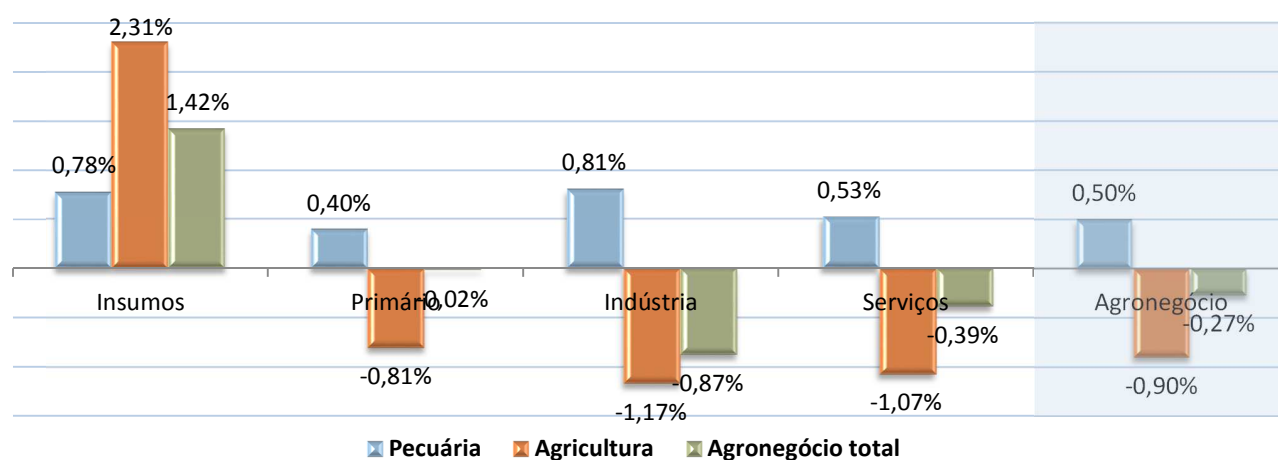


Figura 1 - Taxas de crescimento do PIB do agronegócio mineiro em março de 2017 (%)

Fonte: Cepea-USP, Faemg, Senar e Seapa.

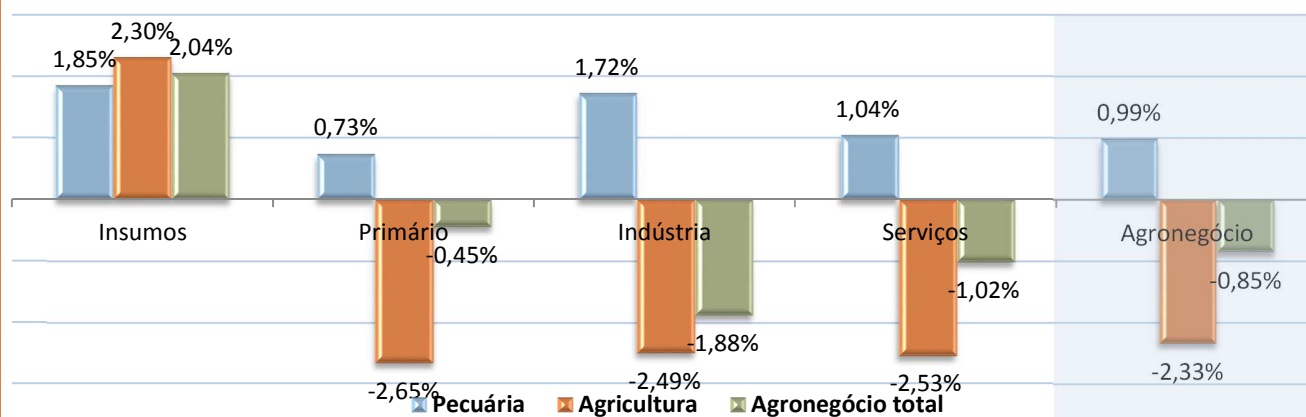


Figura 2 - Taxas de crescimento do PIB do agronegócio mineiro acumuladas em 2017 (%)

Fonte: Cepea-USP, Faemg, Senar e Seapa.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

ESTIMATIVAS DE VALOR DO PIB DO AGRONEGÓCIO DE MG

Com queda de 0,27% em março/17, o PIB do agronegócio mineiro acumulou baixa de 0,85% no primeiro trimestre, sendo estimado em R\$ 208,414 bilhões (a preços de março/17). Desse valor, estima-se que R\$ 113,559 bilhões (54,49%) sejam resultantes do ramo da agricultura e R\$ 94,854 bilhões (45,51%), do pecuário (Tabela 3).

EVOLUÇÃO DOS SEGMENTOS QUE FORMAM O PIB

O ramo agrícola, formado pelo conjunto das cadeias produtivas da agricultura¹, apresentou queda de 0,90% em março/17. Esse resultado é reflexo das quedas observadas nos segmentos industrial (-1,17%), serviços (-1,07%) e primário (-0,81%). No segmento de insumos, porém, houve elevação no mês (2,31%). Já para o ramo pecuário, observou-se crescimento de 0,50% em março, com alta em todos os segmentos: indústria (0,81%), insumos (0,78%), serviços (0,53%) e primário (0,40%).

Considerando o resultado acumulado no primeiro trimestre de 2017, o ramo agrícola registrou queda de 2,33%. Nesse ramo, houve retração para todos os segmentos, exceto insumos – o qual acumulou crescimento de 2,3%. Para os demais, os recuos no trimestre foram de 2,65%, 2,53% e 2,49%, para primário, serviços e indústria, respectivamente. O ramo pecuário também retraiu no acumulado do trimestre, mas a taxa mais amena, de 0,85%. Entre os segmentos desse ramo, houve crescimento de 2,04% para insumos, e reduções de 1,88% para a indústria, de 1,02% para os serviços e de 0,45% para o primário.

INSUMOS

O segmento de insumos apresentou crescimento de 1,42% em março (Figura 1), acumulando alta de 2,04% no ano (Figura 2). O resultado positivo do trimestre reflete, principalmente, a elevação do faturamento estimada para as indústrias de fertilizantes (12,10%) e alimentação animal (8,66%), dada a redução em combustíveis e lubrificantes (-5,33%) (Figura 3 e Tabela 8).

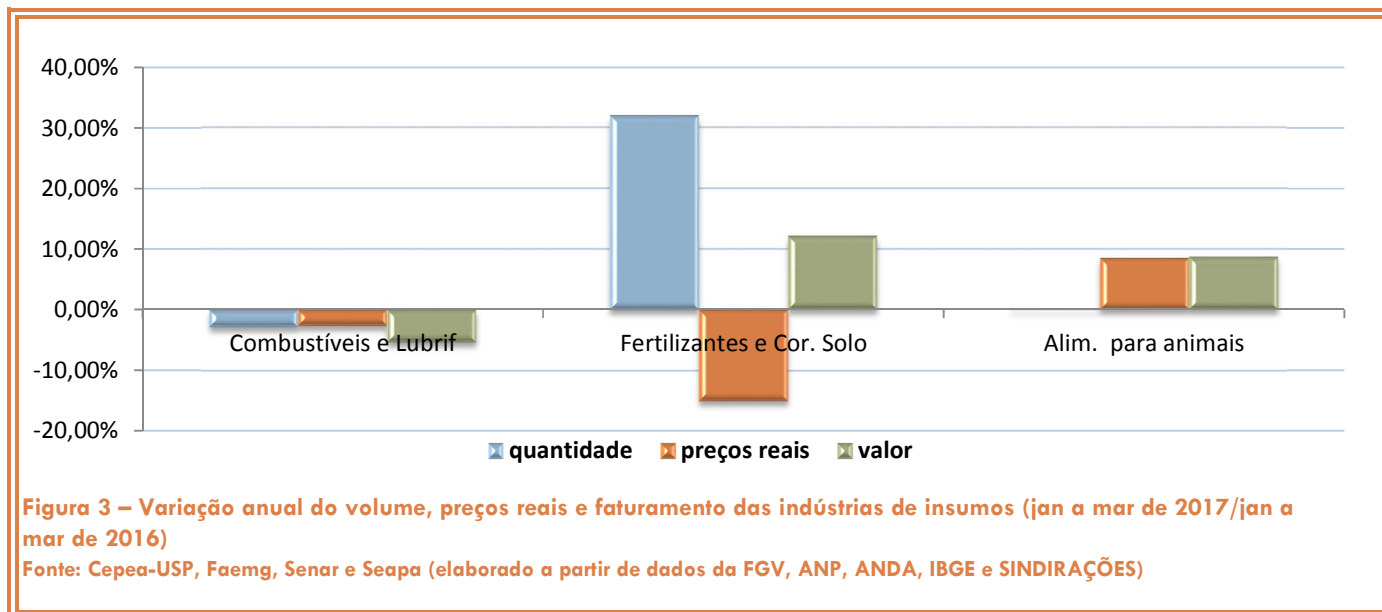
Para fertilizantes, em 2017, projeta-se importante crescimento em volume, de 31,93%. Mas, verifica-se queda real de 18,34% nos preços na comparação entre a média de preços do primeiro trimestre de 2017 com o mesmo período de 2016. De acordo com a equipe Custos/Cepea, agentes de mercado indicaram que houve queda real do custo/ha dos fertilizantes no período, o que tem ajudado na redução do custo operacional de produção de algumas atividades agrícolas. A desvalorização do dólar frente ao Real no início do ano foi um dos fatores que motivou tal redução de preços no trimestre, dado a grande dependência de produtos importados na matéria-prima de fertilizantes.

A variação positiva da indústria de rações é decorrente principalmente do aumento dos preços reais, de 8,66% na comparação com o primeiro trimestre de 2016, dado que se estima apenas leve alta de 0,2% na produção. De acordo com o Sindirações, apesar do crescimento previsto na produção, a efetivação deste número dependerá da recuperação da economia doméstica e do comércio internacional. Por enquanto, a queda dos preços do milho e da soja com relação ao ano anterior vem favorecendo a atividade.

No grupo dos combustíveis, a estimativa de variação negativa do faturamento resulta das quedas tanto em quantidade (-2,80%) quanto em cotações reais (-2,60%), se comparadas às do mesmo período do ano anterior.

Na Figura 3, estão as taxas de crescimento anual estimadas com dados até março/17 para os setores de insumos não agropecuários, tomando-se como base os preços médios reais e as estimativas anuais de produção na comparação com 2016. Na Tabela 8, estão os números dos setores que compõem o segmento.

¹ O conceito de cadeia produtiva tratado neste relatório refere-se à sequência de atividades, desde a produção de insumos para a agropecuária, passando pela produção primária e todas as demais atividades de processamento até a distribuição do produto final.



ATIVIDADES “DENTRO DA PORTEIRA”

O conjunto das *atividades primárias agrícolas* apresentou queda de 0,81% na projeção de março/17. No acumulado do ano, avalia-se redução de -2,65%. Para preços, a média ponderada dos produtos acompanhados teve queda real de 8,46% na comparação com primeiro trimestre de 2016. Quanto à produção, estima-se baixa anual média de 0,99%. Na Figura 4, verifica-se o desempenho desagregado entre as culturas, calculado com base nas estimativas de safra para 2017 e na relação de preços do primeiro trimestre de 2017 comparados aos do mesmo período de 2016, já descontada a inflação. Dentre os produtos acompanhados em Minas Gerais, observou-se aumentos nos faturamentos para: mandioca (102,22%), laranja (52,44%), cana-de-açúcar (23,29%), algodão (12,79%), arroz (4,59%) e milho (4,55%). Já as demais culturas analisadas apresentam perspectiva de recuo no faturamento no estado: batata-inglesa (-73,70%), tomate (48,18%), feijão (-39,62%), café (-16,94%), banana (-11,57%), carvão-vegetal (-11,02%) e soja (-5,39%).

Para o café, produto de maior representatividade na agricultura mineira, a queda avaliada é resultante principalmente da perspectiva de decréscimo na produção anual no estado (-14,58%). Segundo informações da Conab, a safra 2017 é de bienalidade negativa nas principais regiões produtoras de arábica (variedade predominante no estado), o que conseqüentemente resulta em menor produtividade média dos cafezais e maior área dedicada a formação. Porém, a Companhia também destaca que em regiões onde há grande ocorrência do cultivo de robusta, como o Norte de Minas Gerais, a perspectiva é de produtividades superiores às da safra anterior, em razão da expectativa de melhores condições climáticas. Com relação a preços, a desvalorização de 2,73% no primeiro trimestre de 2017 (frente ao mesmo período no ano anterior), em termos reais, é resultante da pressão advinda do baixo ritmo de negócios e da queda nos valores externos do café ao longo do trimestre, de acordo com a equipe Café/Cepea.

Para a cana-de-açúcar, o crescimento avaliado é resultante do aumento de 19,54% nas cotações reais e da projeção de elevação de 3,14% na quantidade produzida no estado em 2017 (na comparação com 2016). Segundo a equipe Açúcar/Cepea, os preços da cana devem se manter em patamares elevados em 2017, ainda puxados pela cotação do açúcar. Com relação à quantidade produzida, a Conab indica que, apesar da menor área plantada no estado para a safra atual, projeta-se incremento da produtividade média, considerando-se para tal resultado uma previsão de maior regularidade das condições climáticas no transcorrer da safra. Ressalta-se ainda que houve melhoria nos tratamentos nas lavouras e investimentos por parte dos produtores, motivados pela melhora na remuneração da atividade.

No caso do milho, dados até março preveem alta de 33,29% na produção para o ano, e queda de 21,56% nos preços reais do primeiro trimestre de 2017 com relação ao mesmo período de 2016. Segundo a Conab, a produção no estado deve ser favorecida pelo aumento de área na primeira safra, devido à coincidência de cotações elevadas com o início do plantio em 2016. Já para a segunda temporada, prevê-se incremento principalmente em produtividade com relação ao ano anterior, justificada pelas perdas registradas em 2016. Com relação aos preços, a equipe Grãos/Cepea ressalta que o mercado já esperava a queda registrada nas cotações avaliadas para este ano, devido ao alto patamar

de preços do milho em 2016 e à pressão oriunda da alta oferta do produto verificada nestes três primeiros meses do ano.

Para a soja, em março/17 se estimou crescimento de 3,33% na produção para o ano e queda de 8,44% nas cotações reais frente ao mesmo período do ano passado. Com relação aos preços, a equipe Soja/Cepea destaca que a grande disponibilidade de produto, tanto no mercado interno quanto no externo, tem pressionado as cotações, que seguiram em queda em março, registrando neste mês o menor patamar real desde dezembro de 2011.

Na cultura da mandioca, o crescimento elevado estimado para o faturamento é reflexo do expressivo aumento de preços reais (99,97%) registrado no primeiro trimestre de 2017 frente ao mesmo período de 2016, já que a expectativa de produção é de pequeno crescimento de 1,47% no ano. De acordo com pesquisadores da equipe Mandioca/Cepea, a baixa oferta do produto no mercado nacional e a firme demanda por parte das farinhas e fecularias têm acirrado a disputa entre compradores, impulsionando o preço das raízes, seguindo a tendência observada desde 2016.

Quanto à batata-inglesa, estima-se forte queda nas cotações (-73,56%) e pequena queda na produção para o ano (-0,54%). Segundo pesquisadores da equipe Hortifruti/Cepea, o Sul de Minas encerrou a colheita da safra das águas 2016/17 em março com rentabilidade negativa. Esse resultado atrelou-se à elevada oferta no mercado, decorrente, sobretudo, da alta produtividade em todas as regiões. No sul mineiro, a produtividade se manteve elevada em 36 t/ha ao longo da safra devido às condições climáticas favoráveis. Apesar disso, a partir de janeiro, a qualidade começou se reduzir devido ao excesso de chuva durante a colheita. Do modo geral, a combinação de excedente de oferta e menor qualidade do produto resultou em queda significativa de preços.

Para a laranja, registra-se forte crescimento na média de preços reais de janeiro a março de 2017 frente ao mesmo período de 2016 (64,05%), mas queda de 7,08% prevista para a quantidade produzida no ano. Segundo a equipe Hortifruti/Cepea, a expectativa de baixa produção manteve os preços firmes no primeiro trimestre 2017.

No caso do tomate, o recuo no faturamento é resultado da queda de 47,60% dos preços, comparando-se os meses de janeiro a março de 2017 e de 2016, e da queda estimada de 1,11% na quantidade produzida do fruto no estado. Para o feijão, houve redução de 42,38% nos preços no trimestre (frente ao primeiro trimestre de 2016) e elevação prevista da produção de 4,79% no ano.

Para a cultura da banana, espera-se crescimento de 4,69% na produção para o ano, mas houve baixa real de 15,54% nas cotações em janeiro a março de 2017 frente ao mesmo período do ano anterior. De acordo com a equipe Hortifruti/Cepea, a alta temperatura e os bons índices de chuvas foram favoráveis à produção nos primeiros meses do ano, elevando a oferta e exercendo pressão sobre preços.

Quanto ao arroz, prevê-se queda na produção estadual (3,35%) em relação à safra anterior e alta de 8,21% nos preços reais na comparação entre janeiro a março de 2017 e de 2016. Para o carvão vegetal, a previsão é de queda na produção (-12,40 %), mas houve elevação nas cotações reais (1,58%) em janeiro a março com relação ao mesmo período do ano anterior.

Quanto as culturas até o momento não acompanhadas especificamente pelo Cepea, mas consideradas no valor monetário do PIB, destaca-se a cultura do Sorgo. Essa, em Minas Gerais, tem sido implantada no período de safrinha, para aproveitamento do solo, normalmente em sequência à colheita da soja precoce. O sorgo apresentou aumento de área de 12,5% em comparação com a safra passada no estado, motivado, segundo a CONAB, pelo fechamento da janela para o plantio do milho safrinha, pelo aumento nos preços dos tratamentos animais, pela melhor adaptabilidade ao clima quente em algumas regiões e pelo menor custo de produção. Também cabe destaque a produção de trigo, com estimativa de área cultivada de 85,8 mil hectares em 2017, segundo a Conab. Dessa área, 13% refere-se ao irrigado e 87% à área de sequeiro. Segundo a Companhia, as expectativas para a cultura no estado são boas no que se refere ao clima, visto que as chuvas de maio, somadas às baixas temperaturas, contribuíram para o bom desenvolvimento da triticultura. Por outro lado, reporta-se a preocupação, especialmente no Triângulo Mineiro, com a presença de Brusone.²

² A metodologia de acompanhamento do PIB está em fase de revisão e o acompanhamento de novas culturas e atividades poderá ser adicionado em relatórios futuros.

O segmento primário da pecuária apresentou crescimento de 0,40% em março/17, acumulando alta de 0,73% no trimestre. O preço médio ponderado das atividades seguiu com elevação de 1,51% na comparação entre trimestres e, para a produção, estima-se elevação média de 1,12% para o ano. Entre as atividades acompanhadas, verifica-se baixa apenas para bois (-14,81%), com crescimento para as demais: suínos (18,79%), leite (18,35%), ovos (2,65%) e vacas (0,30%).

Na atividade leiteira, os preços elevaram-se em 13,06% no estado na comparação entre trimestres. De acordo com a equipe Leite/Cepea, o avanço da entressafra elevou, pelo segundo mês consecutivo em março, o preço do leite recebido por produtores.

Na pecuária de corte, de modo geral, foram reportados problemas de demanda por parte dos frigoríficos em março, dados os desdobramentos da operação “Carne Fraca” da Polícia Federal. Com isso, foram registradas quedas nas cotações.

Para bovinocultura, houve queda nos preços reais de 7,87% para bois e 5,84% para vacas, na comparação entre o primeiro trimestre de 2017 e o mesmo período de 2016. Para a produção, avalia-se baixa de 7,53% na quantidade para bois e alta de 6,52% para vacas. Segundo a equipe Boi/Cepea, a queda nos preços é reflexo da maior oferta de animais pelos pecuaristas no mercado brasileiro, aliada a menor demanda por parte dos frigoríficos, notadamente influenciados pelo setor exportador.

Na suinocultura, por outro lado, observou-se aumento nos preços reais, de 15,9%, na comparação entre trimestres, e elevação de 2,5% na produção. De acordo com a equipe de Suínos/Cepea, a forte demanda internacional nos primeiros meses do ano impulsionou a elevação nas cotações na atividade, apesar do recuo deste mercado verificado especificamente em março.

Na avicultura de corte, houve queda nos preços de 5,39%, na comparação entre o período de janeiro a março de 2017 e de 2016. Já na produção, avalia-se alta de 7,63% para o ano. Segundo a equipe Frango/Cepea, as vendas de carne de frango, que já vinham lentas, se enfraqueceram ainda mais no mês de março, dado que importantes importadores da carne de frango brasileira interromperam temporariamente as aquisições, o que resultou em queda de preços. Para a avicultura de postura, houve alta de 5,10% na quantidade produzida e baixa real de 2,33% nos preços.

Nas Figuras 3 e 4, são apresentadas variações de volume, preços reais e faturamento real acumulados das atividades primárias da agricultura e da pecuária mineiras, tomando-se como base os preços médios de janeiro a março de 2017 comparados ao mesmo período de 2016, além de dados anuais de produção.

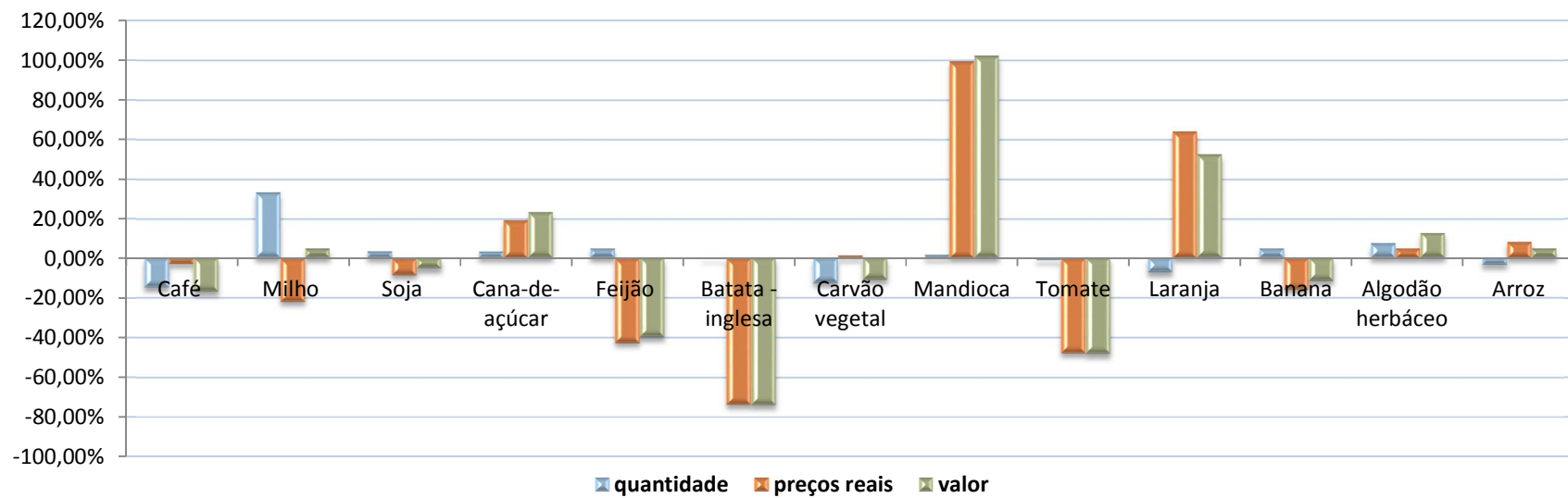


Figura 3. Variação anual do volume, dos preços e do faturamento das lavouras (jan a mar de 2017/jan a mar de 2016)

Fonte: Cepea-USP, Seapa, Faemg e Senar (elaborado a partir de dados do Cepea, IEA, AMS, FGV e IBGE).

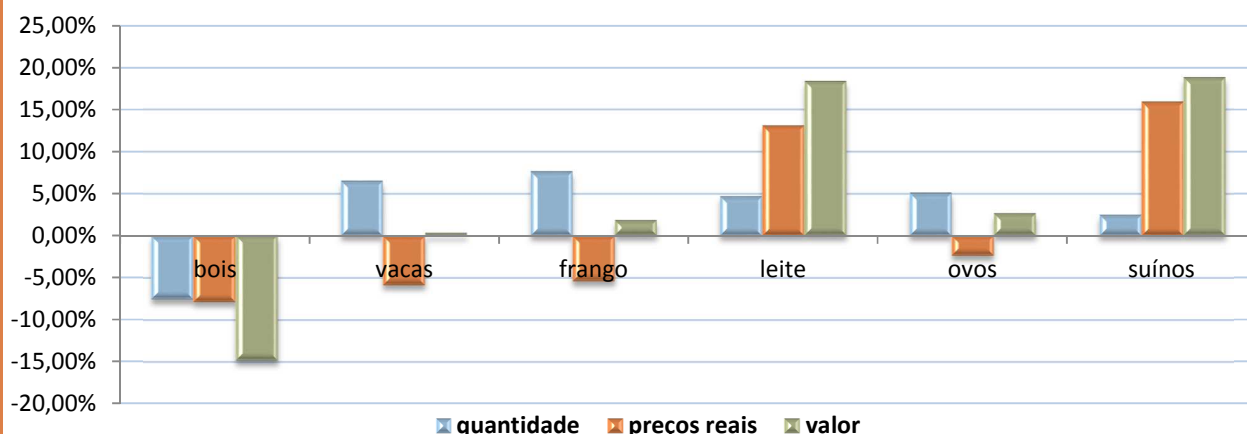


Figura 4. Variação anual do volume, dos preços e do faturamento da pecuária (jan a mar de 2017/Jan a mar de 2016)
 Fonte: Cepea-USP, Seapa, Faemg e Senar (elaborado a partir de dados do Cepea, IEA, AMS, FGV e IBGE).

ATIVIDADES DA AGROINDÚSTRIA

O segmento industrial do agronegócio mineiro teve queda de 0,87% em março de 2017, sendo que o ramo agrícola teve baixa de 1,17%, mas o pecuário registrou elevação de 0,81%. No acumulado, verifica-se queda de 2,49% no agrícola e alta de 1,72% no pecuário, resultando em redução de 1,88% no total da indústria para o agronegócio.

As indústrias relacionadas à agricultura que apresentaram expansão, considerando-se dados de até março/17, foram: café (15,46%), têxtil (11,01%), açúcar (6,77%) e bebidas (5,54%). As demais apresentaram retração: papel e celulose (-30,38%), fumo (-26,04%), Etanol Anidro e Hidratado (-21,62% e -25%, respectivamente) e óleo de soja refinado (-15,37%).

Para a indústria do café, a variação nos preços reais (descontada a inflação) foi positiva em 13,30% de janeiro a março deste ano com relação ao mesmo período do ano anterior. Já para a produção, espera-se elevação de 1,90%. Agentes de mercado avaliam que, apesar da alta esperada na produção, pode haver problemas de abastecimento da indústria diante do ano de bialidade negativa para o arábica. Tal fato tem gerado disputas entre a indústria, que busca a importação de grãos, e produtores brasileiros, que visam proteger o mercado interno e à valorização do grão.

Na indústria têxtil, espera-se crescimento de 10,20% na quantidade produzida, e houve alta de 0,73% na média de preços do trimestre em comparação com o mesmo período do ano passado. Segundo informações da Associação Brasileira da Indústria Têxtil e de Confecção (Abit), o setor têxtil reage rapidamente às mudanças no mercado, e as indústrias têm sentido maior confiança e sinais de recuperação da economia brasileira, melhorando as expectativas para 2017. Também tem impactado na atividade o crescimento das vendas no varejo, impulsionadas pela liberação das contas inativas do FGTS.

Para a agroindústria de papel e celulose, o recuo no faturamento é motivado pela queda de 32,28% nos preços reais de janeiro a março de 2017 frente ao mesmo período de 2016, diante de certa elevação de 2,80% na produção. A indústria do fumo apresentou queda tanto em produção (14,10%) quanto nas cotações (13,89%).

Já na agroindústria sucroenergética, registrou-se alta apenas para o açúcar, motivada pela elevação na quantidade (9,52% para o ano), dado o recuo de 2,51% nos preços reais no trimestre. Segundo a equipe Açúcar/Cepea, a queda no patamar de preços do adoçante advém da pressão pela maior flexibilidade de venda de algumas usinas, que buscavam liquidar estoques em março. Já no mercado internacional, a Índia (maior consumidor mundial) reduziu a estimativa de consumo doméstico, o que, aliado às condições climáticas já mais favoráveis em importantes países produtores, pressionou as cotações do produto no Brasil.

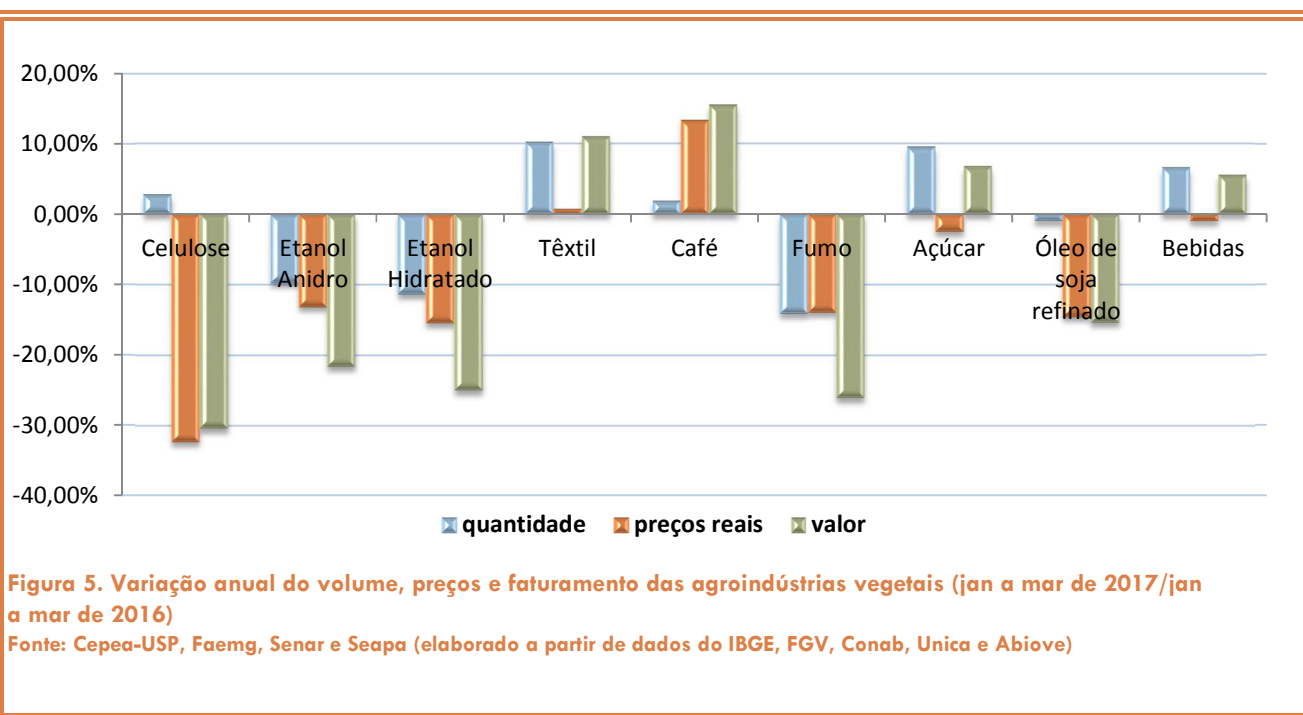
Com relação aos etanóis, houve queda de preços e quantidades tanto para o anidro, quanto para o hidratado. Segundo a equipe Etanol/Cepea, apesar da queda estimada na produção anual, especificamente para março, o maior volume ofertado durante o mês pressionou os preços do setor. Com o início da nova safra 17/18, volumes significativos foram ofertados para liberar espaço nos tanques. Ressalta-se que, embora tenha sido registrado aumento da demanda por etanol no período, esta não foi suficiente para impulsionar os preços.

Os resultados referentes ao segmento industrial da agricultura estão resumidos na Figura 5 e na Tabela 11.

No mercado de carnes, apenas a suína apresentou elevação de preços nos dados avaliados até março (20,46%). As carnes bovinas registraram queda de preços: de 5,85% para bois e 5,35% para vacas. Já as cotações de frango registraram baixa de 5,35%. Na produção, estima-se alta para todas as carnes no estado: 30,66% para carne de vaca; 7,63% para carne de aves; 2,50% para carne suína e 1,83% para carne de boi. Segundo pesquisadores do Cepea, agentes de mercado reportaram problemas de demanda nos frigoríficos em março como desdobramento da operação “carne fraca” da Polícia Federal, que gerou diminuição da demanda no período.

Com relação aos lácteos, queijos, leite pasteurizado, leite em pó e UHT apresentaram crescimento em produção, de 9,29%, 2,93%, 1,83% e 0,12%, respectivamente. Quanto aos preços, apenas para leite UHT se verificou redução em termos reais de janeiro a março/17 (2,57%). Já os preços do leite pasteurizado, leite em pó e queijos apresentaram crescimento de 15,59%, 4,72% e 3,15% respectivamente. Em Minas Gerais, cabe destacar a produção de queijo artesanal, produzido nas regiões do Cerrado, Araxá, Canastra e Serro, conforme determina a Lei Estadual 14.185/02. Tal atividade tem sido crescente em importância e organização no estado, impulsionada por programas como o “Programa Queijo Minas Artesanal”, executado pela EMATER-MG, que busca organizar produtores e normatizar processos e produtos. Porém, a indisponibilidade de dados oficiais e frequentes de produção e preço inviabilizam o acompanhamento mais detalhado neste presente relatório.

Os resultados referentes ao segmento industrial da pecuária estão resumidos na Figura 6 e na Tabela 12.



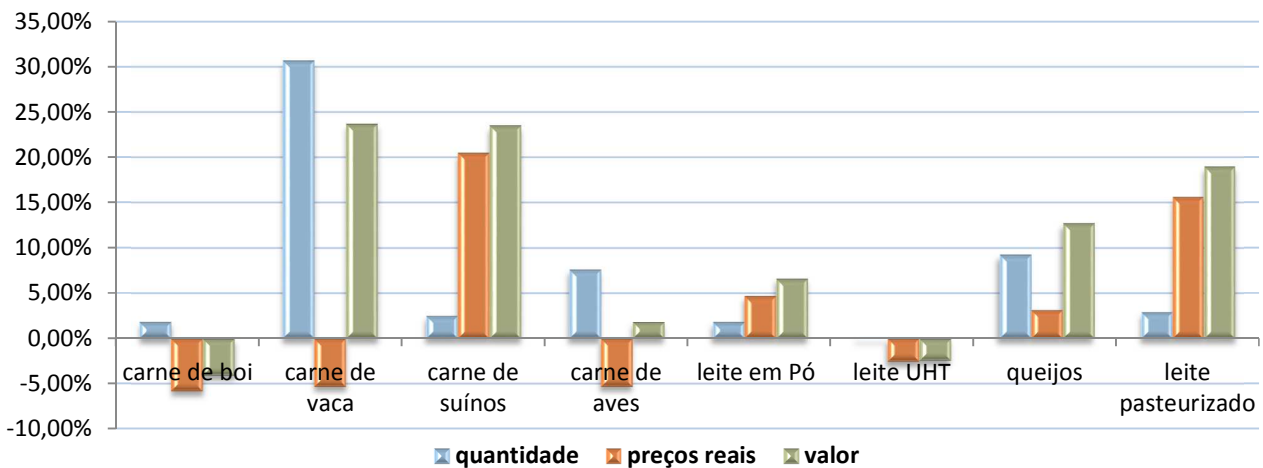


Figura 6. Variação anual do volume, preços e faturamento das agroindústrias animais (jan a mar de 2017/jan a mar de 2016)

Fonte: Cepea-USP, Faemg, Senar e Seapa (elaborado a partir de dados do Cepea, FGV e IBGE)

SERVIÇOS

O segmento de serviços do agronegócio apresentou queda de 0,39% em março/17, acumulando baixa de -1,02% para o ano. Nas atividades do ramo pecuário, houve avanço de 0,53% no mês e 1,04% no acumulado, já no agrícola, houve recuo de 1,07% em março e de -2,53% no ano.

PARTICIPAÇÕES

Considerando-se as informações até março/17, as participações dos segmentos na geração do PIB do agronegócio de Minas Gerais ficaram da seguinte forma: primário (37,99%), serviços (30,77%), industrial (25,43%) e insumos (5,80%).

No agronegócio da agricultura, o segmento de insumos seguiu com a menor participação, de 4,54%. Para os demais segmentos, tem-se: serviços com 32,04% e primário com 23,77%, mantendo-se nas posições intermediárias, enquanto a indústria segue com maior representatividade, de 39,66%.

Em relação à pecuária, a indústria representa 8,36%, parcela próxima à dos insumos (7,32%), que tem a menor participação. O segmento primário segue com maior parcela, de 55,03%, enquanto serviços fica em segundo lugar, com 29,26% (Figura 7).

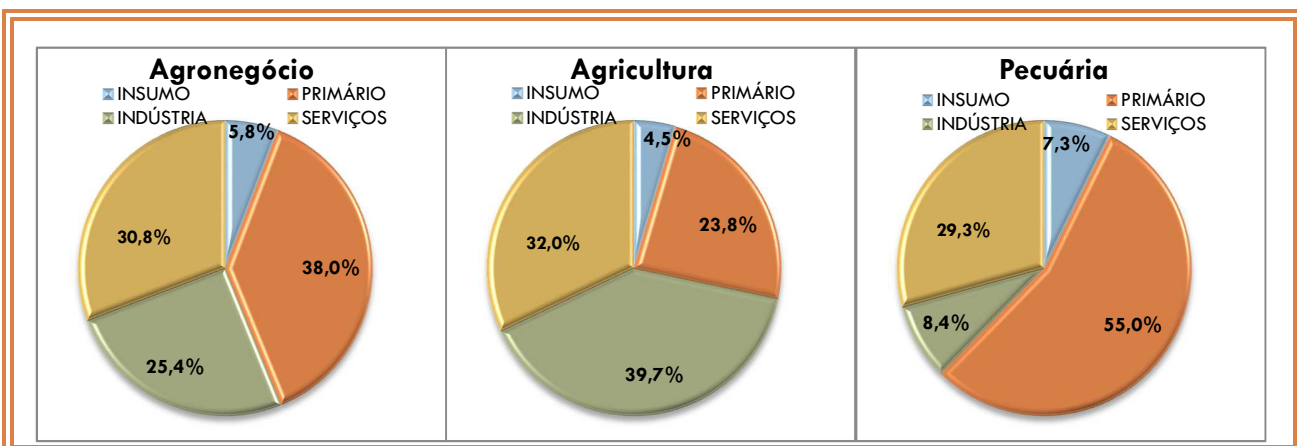


Figura 7. Participações percentuais dos segmentos na geração do PIB do agronegócio de Minas Gerais em março de 2017

Fonte: Cepea-USP, Faemg, Senar e Seapa.

O PIB do agronegócio de Minas Gerais, com base em cálculos de março/17, passa a ter participação de 13,80% no PIB brasileiro do agronegócio (Tabela 4). Dentre os segmentos, apenas o primário apresentou queda na participação na comparação com os segmentos no contexto nacional, com 12,89%. Indústria, serviços e insumos foram avaliadas com participações de 14,24%, 14,18% e 12,52%.

É importante ressaltar que tais participações são sempre reajustadas, uma vez que os números contidos neste relatório se referem às informações disponíveis até o fechamento dos cálculos do mês de elaboração – neste caso, junho/17, com dados alusivos a março de 2017. As estimativas de safra e de abate (correntes e passadas) passam por revisões ao longo dos meses, tanto para Minas Gerais quanto para o agregado nacional do agronegócio, influenciando diretamente na revisão mensal destes valores.

ANÁLISES CONJUNTURAIS³

O Indicador CEPEA/ESALQ do **açúcar cristal**, cor lumsa entre 130 e 180, para o estado de São Paulo, teve média de R\$ 77,48/saca de 50 kg em março, a menor da safra 2016/17, em termos reais (IGP-DI de fev/17) e queda de 7% em relação à do mês anterior (R\$ 83,22/sc). No acumulado de março, o Indicador caiu 9%, fechando a R\$ 74,00/sc no dia 31. A pressão veio da maior flexibilidade de venda de algumas usinas, que pretendiam liquidar estoques. Além disso, parte das unidades já vinha processando a cana da nova temporada. Na última semana de março, usinas do Centro-Sul do País iniciaram oficialmente a moagem da safra 2017/18.

Em relação aos **etanóis**, março foi marcado pela expectativa da chegada da safra 17/18 na região Centro-Sul. Volumes significativos foram ofertados para liberar espaços nos tanques para o produto da nova safra, já que algumas usinas iniciaram a moagem em março. As distribuidoras, já abastecidas anteriormente, realizaram apenas negócios pontuais no mercado spot. Além disso, a pressão sobre os preços também veio da entrada de etanol de outros estados, principalmente de Goiás e Mato Grosso do Sul.

Com relação ao **algodão** em pluma, os preços internos acumularam alta em março, recuperando as perdas do mês anterior. A reação esteve atrelada à postura firme de vendedores e ao maior interesse de indústrias em adquirir o produto, especialmente na primeira quinzena. Na segunda metade do mês, parte das fiações da região Centro-Sul esteve retraída. No Nordeste, especificamente, algumas indústrias se mantiveram ativas, adquirindo vários lotes para entrega rápida. O Indicador CEPEA/ESALQ com pagamento em 8 dias, referente à pluma 41-4 posta em São Paulo, registrou aumento de 1,9% entre 28 de fevereiro e 31 de março frente ao recuo de 1,6% em fevereiro, com a média mensal, de R\$ 2,7507/lp, superando em 0,3% a de fevereiro/17 e em 7,2% a de março/16, em termos reais – IGP-DI de fev/17.

Para o **café**, pelo segundo mês consecutivo, os preços do arábica caíram no mercado interno. O Indicador CEPEA/ESALQ do tipo 6, bebida dura para melhor, posto na capital paulista, teve média de R\$ 485,91/saca de 60 kg em março, 4,47% inferior à de fevereiro e 1% menor que a de março/16. A pressão veio, especialmente, do baixo ritmo de negócios e da queda nos valores externos do café. No geral, houve grande disparidade entre os preços ofertados por compradores e os pedidos por produtores, limitando os fechamentos no correr do mês. A negociação ocorria somente quando compradores precisavam completar embarques ou quando vendedores precisavam fazer caixa.

Com relação ao **milho**, em março os preços no mercado interno seguiram pressionados, reflexo dos bons rendimentos da safra verão, das condições climáticas favoráveis à segunda safra e das incertezas quanto à demanda doméstica causadas pela operação Carne Fraca, que investiga frigoríficos no País. Este cenário torna

³ Esta seção apresenta informações do relatório Agromensal, realizado mensalmente pelas equipes de pesquisa do Cepea-Esalq/USP e disponível em: <http://www.cepea.esalq.usp.br/br/categoria/agromensal.aspx>. Os dados apresentados referem-se ao contexto do mercado brasileiro, não se restringindo à conjuntura do estado de Minas Gerais.

o mercado amplamente favorável ao comprador. Nas médias mensais das regiões acompanhadas pelo Cepea, as negociações de balcão (preço pago ao produtor) acumularam baixas de 15,8% e no disponível (negociações entre empresas) de 13,7%. Já na variação anual (de fev/16 a fev/17), as quedas foram ainda mais fortes, acumulando desvalorizações de 30% e 24,7%, nos respectivos mercados. No corredor de exportação, segundo dados da Secex (Secretária de Comércio Exterior), foram embarcadas apenas 243 mil toneladas de milho em março, redução de 61% em relação a fev/17 e de 88,5% sobre o mesmo período do ano passado.

No caso da **soja**, em março os preços internos do grão e dos derivados seguiram em queda em março, registrando os menores patamares reais desde dezembro/11. A produção recorde da safra 2016/17 nos Estados Unidos e no Brasil, os maiores produtores mundiais da oleaginosa, são fatores que pressionaram as cotações, mesmo com demanda externa firme, principalmente chinesa. A expressiva oferta de grãos no mercado nacional, causada pelo avanço da colheita e finalização das atividades na região Centro-Oeste e no estado do Paraná, levou sojicultores brasileiros a ofertarem maiores lotes durante o mês, apesar dos preços baixos, elevando a liquidez interna. Considerando-se que desde o ano passado muitos agricultores preferiram não antecipar os negócios, suas produções de soja e milho se mantiveram em armazéns de cooperativas e cerealistas, resultando em necessidade de escoar pelo menos parte desse volume. Além disso, com o fim do mês e com o vencimento de parcelas de custeio, alguns produtores precisaram fazer caixa.

Em relação ao **boi gordo**, em março os preços se consolidaram em patamares menores, devido à maior oferta de animais e à menor demanda de frigoríficos por novos lotes, reforçada pela operação Carne Fraca, deflagrada pela Polícia Federal, envolvendo a investigação de indústrias do setor. No mês, o Indicador ESALQ/BM&FBovespa (estado de São Paulo) acumulou queda de 3,7%, fechando a R\$ 139,61 no dia 31. No geral, a liquidez no correr de março foi baixa tanto no físico como no futuro.

Com relação à **suinocultura**, a operação Carne Fraca da Polícia Federal também trouxe incertezas à no mês de março, especialmente quanto à reação do consumidor final. Colaboradores do Cepea comentam que a demanda doméstica recuou, principalmente por embutidos e industrializados. As cotações no atacado indicam cenário de fortes desvalorizações em março, tanto para a carcaça quanto para seus cortes. O enfraquecimento da demanda teria sido reforçado, ainda, pela combinação do período de Quaresma com a segunda quinzena do mês. Nesse cenário, os preços do animal vivo também caíram no mercado brasileiro na maioria das regiões pesquisadas pelo Cepea. A queda mais expressiva, de 20,2%, ocorreu em Belo Horizonte, com o quilo do suíno vivo para abate passando para a média de R\$ 3,89 no final de março. Porém, mesmo com os embargos internacionais temporários impostos às carnes brasileiras, as exportações da proteína suína in natura aumentaram de fevereiro para março. A melhora nas vendas externas de um mês para o outro se deu, principalmente, pelo maior número de dias úteis em relação a fevereiro, já que a média diária de embarques em março teve queda de 6%, indo para 2,4 mil toneladas/dia – dados da Secex

No mercado de **leite**, o avanço da entressafra elevou, pelo segundo mês consecutivo, o preço do leite recebido por produtores em março, mas demanda enfraquecida limitou tal alta no valor, que foi de apenas 1,4%, ou de 1,7 centavo/litro, considerando-se a “média Brasil” (GO, MG, PR, RS, SC, SP e BA), que é calculada pelo Cepea. Para os derivados, a Equipe Leite/Cepea avalia que o desafio do setor se concentra no menor poder de compra de consumidores. Mesmo com o fim das férias escolares, a demanda não tem aumentado conforme as expectativas de agentes. Além disso, com a matéria-prima se valorizando no campo, o repasse desse aumento ao consumidor vem dificultando as vendas.

CONCLUSÕES

O agronegócio mineiro acumulou baixa de 0,85% no primeiro trimestre do ano, com queda de 0,27% na projeção de março/17. O resultado negativo está atrelado ao ramo agrícola, que decaiu 0,90% no mês, enquanto o ramo pecuário cresceu 0,50%. No trimestre, da mesma forma, o ramo agrícola acumulou retração de 2,33%, enquanto o ramo pecuário registrou alta de 0,99%.

A participação estimada do agronegócio mineiro no PIB ficou em 13,80%, com queda na participação apenas para o segmento primário e alta nos demais – ressalta-se, no entanto, que esses valores passam por revisão a cada relatório, devido à atualização das estimativas, tanto no País quanto no estado de Minas Gerais.

No segmento primário da agricultura, destaca-se, no resultado avaliado até março, as elevações de preço para mandioca, laranja e cana-de-açúcar. Com relação à produção, milho segue com perspectiva de evolução

significativa, tendo em vista a quebra de safra verificada em 2016. Já a produção de café deve ser prejudicada pelo ano de bionalidade negativa, com redução de área e produtividade. Dado o peso dessa cultura na agricultura mineira, a menor produção deve pesar sobre os resultados médios do segmento. Já no segmento primário do ramo pecuário, as atividades relacionadas à pecuária de corte foram afetadas por redução de demanda em consequência da operação “carne fraca”, deflagrada pela Polícia Federal no período avaliado.

Na indústria, a cafeeira segue com expectativa de elevação da produção, mas, já existe a sinalização no mercado sobre a possibilidade de problemas relacionados à falta de café em grão no mercado interno.

Com relação ao ambiente macroeconômico nacional, o PIB do primeiro trimestre de 2017, divulgado pelo IBGE, apresentou queda de 0,4% na comparação com o mesmo período do ano anterior, o que reflete a resiliência da crise econômica e as dificuldades do país em reverter o movimento de retração do produto. A taxa de desemprego segue em alta, atingindo 13,7% em março, segundo dados da PNAD Contínua do IBGE, o que se reflete em menor consumo das famílias e demanda no mercado doméstico. Por outro lado, pode-se destacar que a inflação tem registrado baixa variação e a balança comercial brasileira tem crescido em seu saldo positivo, influenciada pelo dólar mantido em alto patamar no período e pela demanda externa favorável para produtos brasileiros.

De acordo com o boletim Focus do Banco Central (6 de junho de 2017), no mercado ainda há a expectativa de crescimento do PIB Brasileiro em 2017, de 0,5%. Também se prevê IPCA de 3,90%, abaixo do centro da meta do Banco Central (4,5%), e taxa de câmbio em 3,30 para o fim do período (em R\$/US\$). Tais expectativas podem ser consideradas otimistas, frente ao cenário econômico adverso verificado no País nos últimos dois anos e que ainda persiste no primeiro trimestre de 2017 (recoo de 3,8% do PIB em 2015, 3,6% em 2016, e 0,4% no primeiro trimestre de 2017, segundo dados do IBGE). Mas, é necessário se levar em conta que tais perspectivas estão ancoradas na confiança do mercado com relação à aprovação de reformas de efeito fiscal, que seguem em análise e discussão no Congresso e Senado Federal. Com a possibilidade de agravamento da crise política, tal cenário tende a se reverter ao longo do ano.

TABELAS DE DADOS

Tabela 1 – Taxas de crescimento mensais e acumuladas do PIB do agronegócio de Minas Gerais em 2016 e 2017 (%)

AGRONEGÓCIO					
	Insumos	Primário	Indústria	Serviços	Agronegócio Total
mar/16	-0,03	0,02	1,51	0,67	0,59
abr/16	-0,07	0,11	1,01	0,45	0,43
mai/16	1,64	0,37	0,50	0,33	0,46
jun/16	1,05	0,59	0,90	0,66	0,72
jul/16	-0,14	0,41	0,59	0,45	0,43
ago/16	-3,42	1,48	1,46	1,40	1,16
set/16	8,09	0,84	1,26	0,98	1,40
out/16	-5,20	0,50	0,62	0,48	0,18
nov/16	-0,46	1,27	1,83	1,40	1,35
dez/16	0,92	0,56	-0,23	0,10	0,24
jan/17	0,62	-0,08	-0,21	-0,10	-0,08
fev/17	-0,01	-0,35	-0,80	-0,53	-0,50
mar/17	1,42	-0,02	-0,87	-0,39	-0,27
Acum. no ano (2016)	3,45	6,35	12,84	8,38	8,41
Acum. no ano (2017)	2,04	-0,45	-1,88	-1,02	-0,85

AGRICULTURA					
	Insumos	Primário	Indústria	Serviços	Agronegócio Total
mar/16	-0,40	1,75	2,00	1,94	1,80
abr/16	-0,54	1,07	1,48	1,38	1,25
mai/16	2,19	2,55	0,80	1,22	1,39
jun/16	0,87	2,76	1,17	1,55	1,63

jul/16	-1,48	2,29	0,71	1,10	1,08
ago/16	-7,08	3,07	1,62	1,98	1,64
set/16	13,61	2,35	1,51	1,72	2,32
out/16	-9,47	1,71	0,84	1,06	0,60
nov/16	-1,41	4,06	2,30	2,75	2,69
dez/16	0,76	1,15	-0,18	0,16	0,29
jan/17	0,39	-0,91	-0,33	-0,48	-0,48
fev/17	-0,39	-0,96	-1,01	-1,00	-0,97
mar/17	2,31	-0,81	-1,17	-1,07	-0,90
Acum. no ano (2016)	-2,46	29,52	17,11	20,09	19,76
Acum. no ano (2017)	2,30	-2,65	-2,49	-2,53	-2,33

PECUÁRIA

	Insumos	Primário	Indústria	Serviços	Agronegócio Total
mar/16	0,27	-0,71	-0,92	-0,77	-0,68
abr/16	0,32	-0,31	-1,35	-0,64	-0,46
mai/16	1,19	-0,58	-1,07	-0,74	-0,55
jun/16	1,20	-0,38	-0,51	-0,42	-0,29
jul/16	0,97	-0,47	-0,09	-0,35	-0,30
ago/16	-0,48	0,73	0,54	0,67	0,61
set/16	3,96	0,11	-0,16	0,02	0,33
out/16	-1,71	-0,11	-0,63	-0,28	-0,32
nov/16	0,26	-0,15	-0,87	-0,38	-0,25
dez/16	1,05	0,25	-0,52	0,01	0,17
jan/17	0,79	0,37	0,50	0,41	0,42
fev/17	0,27	-0,04	0,40	0,10	0,06
mar/17	0,78	0,40	0,81	0,53	0,50
Acum. no ano (2016)	8,29	-2,94	-7,16	-4,29	-2,98
Acum. no ano (2017)	1,85	0,73	1,72	1,04	0,99

Fonte: Cepea-USP / Seapa /Faemg /Senar.

Tabela 2 – Taxas de crescimento anual do agronegócio de 2004 a 2017**AGRONEGÓCIO**

	INSUMO	PRIMÁRIO	INDÚSTRIA	SERVIÇOS	TOTAL
2004	7,83	19,26	-2,58	8,06	9,87
2005	1,27	-12,50	6,03	-3,54	-4,98
2006	-2,59	14,55	21,27	16,56	15,49
2007	13,64	5,81	4,54	6,34	6,14
2008	32,75	13,81	1,41	7,42	10,08
2009	-9,14	-8,57	5,44	-2,05	-3,53
2010	-6,79	12,56	21,97	16,71	14,68
2011	19,00	18,27	2,47	9,10	11,37
2012	1,61	-9,93	-3,02	-6,45	-6,47
2013	-7,03	12,15	8,18	10,83	9,41
2014	1,56	10,62	2,14	6,80	6,82
2015	4,23	-3,32	5,67	1,23	0,62
2016	3,45	6,35	12,84	8,38	8,41
2017	2,04	-0,45	-1,88	-1,02	-0,85

AGRICULTURA

	INSUMO	PRIMÁRIO	INDÚSTRIA	SERVIÇOS	TOTAL
2004	9,77	14,76	-4,34	1,34	3,35
2005	-3,45	-4,20	6,35	2,80	1,52

RELATÓRIO PIB AGRO Minas Gerais – Análise referente a março/17 elaborada com dados disponíveis até junho/17.

2006	-6,51	-1,16	26,87	18,07	14,29
2007	22,39	-4,27	1,13	-0,29	0,48
2008	38,66	22,60	-0,04	5,67	9,36
2009	-16,37	-9,45	8,14	2,99	0,12
2010	-11,86	17,69	25,08	23,18	20,32
2011	19,13	19,68	2,92	7,04	8,83
2012	2,90	2,06	-2,67	-1,37	-0,78
2013	-9,05	-10,18	6,19	1,54	-0,30
2014	3,36	-3,76	0,01	-0,94	-1,00
2015	6,55	3,56	6,18	5,54	5,41
2016	-2,46	29,52	17,11	20,09	19,76
2017	2,30	-2,65	-2,49	-2,53	-2,33

PECUÁRIA

	INSUMO	PRIMÁRIO	INDÚSTRIA	SERVIÇOS	TOTAL
2004	6,04	21,84	5,39	16,19	17,41
2005	5,76	-16,99	4,73	-10,22	-11,59
2006	0,82	24,33	-2,07	14,74	16,89
2007	6,59	10,80	22,98	14,58	12,60
2008	27,27	10,04	7,84	9,31	10,82
2009	-1,86	-8,15	-5,66	-7,33	-7,19
2010	-2,43	10,15	7,31	9,20	8,56
2011	18,89	17,56	0,00	11,79	14,41
2012	0,61	-16,06	-5,05	-12,82	-12,97
2013	-5,43	26,04	19,74	24,03	22,08
2014	0,18	17,00	13,14	15,81	15,15
2015	2,40	-5,83	3,35	-3,06	-3,77
2016	2,40	-5,83	3,35	-3,06	-3,77
2017	1,85	0,73	1,72	1,04	0,99

Fonte: Cepea-USP / Seapa / Faemg / Senar.

Tabela 3 – PIB do agronegócio de Minas Gerais de 2004 a 2017 (R\$ milhões de 2017)

AGRONEGÓCIO					
	INSUMO	PRIMÁRIO	INDÚSTRIA	SERVIÇOS	TOTAL
2004	7.642	47.125	23.527	33.297	111.591
2005	7.739	41.233	24.946	32.118	106.036
2006	7.539	47.231	30.253	37.439	122.461
2007	8.567	49.973	31.627	39.812	129.979
2008	11.372	56.872	32.072	42.765	143.081
2009	10.333	51.999	33.818	41.887	138.036
2010	9.631	58.530	41.249	48.888	158.299
2011	11.461	69.223	42.270	53.335	176.290
2012	11.646	62.350	40.993	49.896	164.885
2013	10.827	69.927	44.347	55.300	180.401
2014	10.996	77.356	45.297	59.062	192.710
2015	11.461	74.786	47.865	59.787	193.899
2016	11.855	79.537	54.009	64.798	210.199
2017	12.098	79.182	52.995	64.139	208.414

AGRICULTURA

	INSUMO	PRIMÁRIO	INDÚSTRIA	SERVIÇOS	TOTAL
2004	3.727	16.527	18.923	17.094	56.270
2005	3.598	15.833	20.124	17.572	57.127
2006	3.364	15.650	25.531	20.748	65.293
2007	4.117	14.982	25.820	20.688	65.607
2008	5.709	18.368	25.809	21.861	71.747
2009	4.774	16.633	27.909	22.515	71.832
2010	4.208	19.575	34.909	27.734	86.426
2011	5.013	23.428	35.930	29.687	94.058
2012	5.158	23.910	34.972	29.281	93.321
2013	4.692	21.476	37.138	29.731	93.037
2014	4.849	20.668	37.140	29.451	92.109
2015	5.167	21.405	39.435	31.083	97.090
2016	5.040	27.722	46.183	37.326	116.272
2017	5.156	26.988	45.034	36.382	113.559

PECUÁRIA

	INSUMO	PRIMÁRIO	INDÚSTRIA	SERVIÇOS	TOTAL
2004	3.915	30.598	4.604	16.203	55.321
2005	4.141	25.400	4.822	14.547	48.909
2006	4.175	31.580	4.722	16.691	57.168
2007	4.450	34.991	5.807	19.124	64.372
2008	5.663	38.504	6.263	20.904	71.334
2009	5.558	35.366	5.908	19.372	66.204
2010	5.423	38.955	6.340	21.154	71.873
2011	6.448	45.795	6.340	23.648	82.231
2012	6.488	38.440	6.020	20.615	71.563
2013	6.135	48.452	7.209	25.568	87.364
2014	6.146	56.688	8.156	29.610	100.601
2015	6.293	53.382	8.429	28.704	96.809
2016	6.815	51.814	7.826	27.471	93.927
2017	6.942	52.194	7.961	27.758	94.854

Fonte: Cepea-USP / Seapa / Faemg / Senar.

Tabela 4 – Participação do PIB do agronegócio de Minas Gerais no agronegócio nacional (%)

AGRONEGÓCIO					
	INSUMO	PRIMÁRIO	INDÚSTRIA	SERVIÇOS	TOTAL
2004	10,02	13,56	6,56	8,94	9,66
2005	11,31	13,16	6,95	8,92	9,63
2006	11,37	15,39	8,20	10,29	11,07
2007	11,38	14,52	8,21	10,24	10,89
2008	12,60	14,41	8,11	10,45	11,10
2009	13,17	14,26	8,90	10,69	11,36
2010	12,22	14,47	10,18	11,70	12,12
2011	12,89	15,30	10,58	12,31	12,83
2012	12,90	14,18	10,67	11,87	12,35
2013	11,93	14,61	11,17	12,65	12,85
2014	11,98	15,50	11,47	13,38	13,50
2015	12,04	14,61	12,04	13,41	13,37

RELATÓRIO PIB AGRO Minas Gerais – Análise referente a março/17 elaborada com dados disponíveis até junho/17.

2016	12,39	14,59	13,21	13,91	13,87
2017	12,52	12,89	14,24	14,18	13,80

AGRICULTURA

	INSUMO	PRIMÁRIO	INDÚSTRIA	SERVIÇOS	TOTAL
2004	7,51	8,01	6,20	6,56	6,85
2005	8,51	9,07	6,56	7,01	7,38
2006	8,11	8,99	8,00	7,99	8,22
2007	8,63	7,67	7,79	7,55	7,73
2008	9,59	8,04	7,61	7,68	7,87
2009	9,62	8,02	8,47	8,13	8,32
2010	8,52	8,41	9,89	9,35	9,28
2011	9,17	8,87	10,36	9,70	9,68
2012	9,29	9,07	10,43	9,69	9,76
2013	8,54	7,94	10,78	9,74	9,54
2014	8,95	7,61	10,88	9,77	9,51
2015	9,08	7,62	11,42	10,18	9,82
2016	9,17	8,96	12,95	11,51	11,12
2017	9,57	7,24	13,91	11,36	10,69

PECUÁRIA

	INSUMO	PRIMÁRIO	INDÚSTRIA	SERVIÇOS	TOTAL
2004	14,72	21,69	8,61	14,45	16,60
2005	15,85	18,28	9,21	13,28	14,96
2006	16,85	23,79	9,47	16,03	18,35
2007	16,14	23,51	10,80	16,65	18,66
2008	18,46	23,15	11,12	16,78	18,88
2009	19,27	22,47	11,72	16,87	18,84
2010	18,45	22,66	12,12	17,44	19,17
2011	18,84	24,33	11,97	18,57	20,42
2012	18,66	21,85	12,29	17,41	18,93
2013	17,11	23,27	13,80	19,38	20,40
2014	16,35	24,91	15,25	21,14	21,93
2015	16,44	23,12	16,07	20,43	20,95
2016	16,76	22,00	14,94	19,42	19,98
2017	15,90	22,74	16,56	20,86	21,19

Fonte: Cepea-USP / Seapa / Faemg / Senar.

* A metodologia do PIB do Brasil passou por uma atualização em 2017. Atualmente a participação do PIB do Agronegócio de Minas Gerais sobre o PIB do Brasil tem sido calculada com base na variação do PIB do Brasil na nova metodologia. Em breve, quando o PIB do Agronegócio de Minas Gerais passar por reformulação metodológica semelhante, a participação deverá ser igualmente revista.

Tabela 5 - Ponderações utilizadas para cada segmento do PIB do agronegócio de Minas Gerais

SEGMENTO PRIMÁRIO

RELATÓRIO PIB AGRO Minas Gerais

Agricultura	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017
Café	38,96	40,79	47,06	35,01	38,07	34,05	40,95	46,18	40,25	31,14	37,8	36,14	38,20
Cana-de-açúcar	5,74	6,33	10,68	11,7	8,91	12,58	14,42	13,13	12,92	14,63	14,34	14,09	12,40
Soja	14,2	10,8	8,32	10,87	11,19	12,71	9,36	8,83	11,36	12,68	12,95	12,97	13,54
Milho	13,32	13,04	10,18	16,19	14,04	11,47	9,02	10,87	11,8	11,18	10,43	10,15	10,06
Tomate	5,35	4,43	2,6	2,77	2,72	3,07	2,02	2,16	3,06	4,69	3,97	4,07	2,48
Feijão	4,49	6,41	4,57	6,16	9,79	5,52	6,12	3,91	6,51	6,04	3,84	4,7	6,17
Batata-inglesa	4,77	5,99	4,56	5,55	4,13	6,91	5,24	2,53	3,03	6,5	3,56	5,15	4,51
Banana	2,52	2,49	3,29	2,92	2,7	3,21	3,24	2,66	2,43	3,62	3,52	3,56	3,89
Algodão	1,35	1,21	0,79	0,75	0,53	1,02	1,31	2,7	1,45	1,24	1,25	1,16	0,98
Laranja	1,04	1,22	1,2	0,64	1,2	1,79	1,79	1,25	0,8	0,56	0,91	0,99	1,12
Carvão vegetal	2	2	2	2	2	1	1	1	1	1	0,86	0,53	0,85
Arroz	1,74	0,86	0,71	0,97	0,83	0,78	0,89	0,78	0,67	1,08	0	0	0,00
Mandioca	1,16	0,75	0,54	0,6	0,42	0,32	0,23	0,08	0,07	0	1,1	0,9	0,45
Outros	3,37	3,68	3,5	3,86	3,49	5,59	4,42	3,91	4,63	5,64	5,48	5,6	5,33
Total	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100

SEGMENTO PRIMÁRIO

Pecuária	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017
Boi vivo	37,64	35,18	41,4	36,91	36,88	37,16	37,9	38,63	36,55	35,7	36,58	36,46	32,58
Vaca viva	21,68	13	21,32	18,53	18,65	17,56	16,81	21,42	15,33	16,46	19,01	19,15	14,74
Frango vivo	8,86	10,09	7,42	8,13	8,33	8,82	8,23	7,6	9,56	9,18	6,9	7,81	8,86
Leite natural	23,25	31,3	22,63	28,21	26,65	27,85	28,1	24,25	28,81	29,89	29,52	28,78	35,07
Ovos	3,16	3,68	2,83	3,68	3,57	3,33	2,9	2,67	3,32	2,74	2,33	2,39	3,05
Suíno vivo	5,41	6,76	4,4	4,55	5,92	5,29	6,05	5,43	6,43	6,03	5,66	5,41	5,70
Total	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100

SEGMENTO INSUMOS

Insumos para a Pecuária	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017
Combustíveis e Lubrificantes	13,68	16,17	16,74	15,06	12,87	12,68	12,72	9,05	9,73	11,7	12,72	12,54	10,73
Adbuos, Fert. e Cor. Solo	24,03	20,89	18,88	22,85	25,9	21,58	19,14	20,22	20,55	19,1	19,52	20,51	18,63
Alimentos para animais	62,29	62,94	64,38	62,08	61,23	65,73	68,14	70,73	69,72	69,2	67,76	66,95	70,63
Total	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100

SEGMENTO INSUMOS

Insumos para a Agricultura	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017
Combustíveis e Lubrif.	13,87	17,96	20,06	15,72	12,33	14,25	15,82	11,23	11,81	14,77	15,56	14,74	14,01
Adbuos, Fert. e Cor. Solo	86,13	82,04	79,94	84,28	87,67	85,75	84,18	88,77	88,19	85,23	84,44	85,26	85,99
Total	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100

SEGMENTO INDUSTRIAL

Indústria da Pecuária	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017
Carne de boi	10,52	10,36	12,12	11,22	13,68	13,26	13,32	12,22	14,24	14,22	14,81	14,05	13,24

RELATÓRIO PIB AGRO Minas Gerais – Análise referente a março/17 elaborada com dados disponíveis até junho/17.

Carne de vaca	4,8	4,64	5,6	5,45	7,42	6,04	5,45	4,77	5,84	6,19	7,25	7,06	5,97
Carne suína	8,19	8,3	6,97	6,31	8,44	8,07	8,81	9,12	9,37	9,37	9,35	8,2	8,53
Carne de aves	12,47	13,17	12,66	11,6	12,91	13,69	12,93	14,11	15,36	15,23	12,23	12,46	13,65
Leite em pó	14,73	15,35	14,49	16,48	12,63	11,97	12,22	11,16	11,11	11,93	13,38	14,06	13,33
Leite UHT	18,76	17,52	18,15	18,43	15,72	17,02	16,69	20,14	23,67	23,36	21,43	22,95	24,18
Queijo	13,74	13,11	12,93	13,62	12,42	12,67	13,77	12,44	6,15	5,49	6,61	6,37	5,65
Leite pasteurizado	16,78	17,55	17,09	16,88	16,77	17,27	16,81	16,05	14,26	14,22	14,94	14,86	15,45
Total	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100

SEGMENTO INDUSTRIAL

Indústria Agrícola	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017
Celulose, papel e produtos de papel	21,45	20,81	16,16	19,04	17,67	13,31	12,62	11,22	11,5	11,8	11,6	13,46	10,80
Álcool Anidro	11,69	14,4	19,77	14,25	13,81	10,94	12,18	18,43	17,56	23,27	23,1	19,21	20,15
Álcool Hidratado	11,09	15,72	18,22	24,86	27,91	29,43	29,44	23,55	18,05	21,32	23,38	27,44	20,68
Têxtil	9,76	9,37	7,43	6,92	5,84	4,84	4,13	3,66	3,53	3,59	3,3	2,24	1,92
Indústria do café	13,98	12,17	9,95	11,54	11,14	10,42	8,38	8,85	10,41	10,22	10,37	9,82	9,05
Indústria do fumo	0,87	0,83	0,69	0,68	0,64	0,62	0,49	0,48	0,49	0,44	0,42	0,48	0,38
Indústria do açúcar	13,9	15,59	19,16	12,14	11,73	21,97	25,44	24,71	28,41	21,5	20,62	19,95	31,27
Óleos soja refinado	12	6,61	4,93	6,68	7,69	4,95	4,29	6,25	7,2	5,29	4,71	5,04	3,51
Indústria de bebidas	5,25	4,5	3,7	3,9	3,57	3,51	3,03	2,86	2,83	2,56	2,5	2,36	2,23
Total	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100

Fonte: Cepeca-USP / Seapa / Faemg / Senar.

Obs: As ponderações do presente ano derivam do valor bruto da produção do setor no ano anterior.

Tabela 6 – Taxas de crescimento no mês de março de 2017 (%)

	Insumos	Primário	Indústria	Serviços	Agronegócio
Pecuária	0,78	0,40	0,81	0,53	0,50
Agricultura	2,31	-0,81	-1,17	-1,07	-0,90
Agronegócio total	1,42	-0,02	-0,87	-0,39	-0,27

Tabela 7 – Taxas de crescimento acumuladas em 2017 (%)

	Insumos	Primário	Indústria	Serviços	Agronegócio
Pecuária	1,85	0,73	1,72	1,04	0,99
Agricultura	2,30	-2,65	-2,49	-2,53	-2,33
Agronegócio total	2,04	-0,45	-1,88	-1,02	-0,85

Tabela 8 – Crescimento do volume e dos preços reais dos insumos (% a.a.) – 2017/16

	Combustíveis e Lubrificantes	Azubos, Fertilizantes e Cor. Solo	Alimentos p/ animais
Quantidade	-2,80	31,93	0,20
Preços reais	-2,60	-15,03	8,45
Valor	-5,33	12,10	8,66

Tabela 9 – Crescimento do volume e preços reais das lavouras (% a.a.) – 2017/16

Café	Milho	Soja	Cana-de	Feijão	Batata-	Carvão	Mandioca	Tomate	Laranja	Banana	Algodão	Arroz
------	-------	------	---------	--------	---------	--------	----------	--------	---------	--------	---------	-------

			-açúcar			inglesa	vegetal			herbáceo			
Quantidade	-14,58	33,29	3,33	3,14	4,79	-0,54	-12,40	1,47	-1,11	-7,08	4,69	7,38	-3,35
Preços reais	-2,76	-21,56	-8,44	19,54	-42,38	-73,56	1,58	99,29	-47,60	64,05	-15,54	5,04	8,21
Valor	-16,94	4,55	-5,39	23,29	-39,62	-73,70	-11,02	102,22	-48,18	52,44	-11,57	12,79	4,59

Tabela 10 – Crescimento do volume e preços reais da pecuária (% a.a.) – 2017/16

	Boi	Vacas	Frango	Leite	Ovos	Suínos
Quantidade*	-7,53	6,52	7,63	4,68	5,10	2,50
Preços reais	-7,87	-5,84	-5,39	13,06	-2,33	15,90
Valor	-14,81	0,30	1,82	18,35	2,65	18,79

Tabela 11 – Crescimento do volume e preços reais da agroindústria vegetal (% a.a.) – 2017/16

	Celulose	Alcool Anidro	Alcool Hidratado	Têxtil	Café	Fumo	Açúcar	Óleo de soja refinado	Bebidas
Quantidade	2,80	-9,79	-11,36	10,20	1,90	-14,10	9,52	-0,95	6,60
Preços reais	-32,28	-13,12	-15,39	0,73	13,30	-13,89	-2,51	-14,56	-1,00
Valor	-30,38	-21,62	-25,00	11,01	15,46	-26,04	6,77	-15,37	5,54

Tabela 12 – Crescimento do volume e preços reais da agroindústria animal (% a.a.) – 2017/16

	Carne de boi	Carne de vaca	Carne de suínos	Carne de aves	Leite em Pó	Leite UHT	Queijo	Leite pasteurizado
Quantidade	1,83	30,66	2,50	7,63	1,83	0,12	9,29	2,93
Preços reais	-5,85	-5,35	20,46	-5,35	4,72	-2,57	3,15	15,59
Valor	-4,12	23,66	23,48	1,87	6,63	-2,45	12,73	18,98

OBS: Os números apresentados nas Tabelas 6 a 12 correspondem aos dados utilizados nas figuras do texto.

Tabela 13 – PIB do agronegócio de Minas Gerais de 2004 a 2017 (R\$ preços correntes)

AGRONEGÓCIO					
	INSUMO	PRIMÁRIO	INDÚSTRIA	SERVIÇOS	TOTAL
2004	3.632	22.397	11.181	15.825	53.034
2005	3.897	20.765	12.563	16.175	53.401
2006	3.862	24.196	15.498	19.180	62.736
2007	4.612	26.902	17.026	21.432	69.971
2008	6.810	34.054	19.204	25.607	85.675
2009	6.298	31.694	20.613	25.531	84.136
2010	6.198	37.665	26.545	31.460	101.868
2011	8.004	48.342	29.520	37.247	123.113
2012	8.619	46.145	30.339	36.929	122.032
2013	8.500	54.901	34.818	43.417	141.636
2014	9.096	63.990	37.470	48.856	159.411
2015	10.135	66.133	42.327	52.869	171.464
2016	11.552	77.501	52.627	63.139	204.820
2017	12.098	79.182	52.995	64.139	208.414
AGRICULTURA					
	INSUMO	PRIMÁRIO	INDÚSTRIA	SERVIÇOS	TOTAL
2004	1.771	7.855	8.993	8.124	26.743
2005	1.812	7.974	10.135	8.849	28.770
2006	1.723	8.017	13.079	10.629	33.449
2007	2.216	8.065	13.900	11.137	35.318
2008	3.418	10.998	15.454	13.090	42.961
2009	2.910	10.138	17.011	13.723	43.783
2010	2.708	12.597	22.465	17.847	55.616
2011	3.501	16.361	25.092	20.732	65.686